



## **Sociedade das Ciências Antigas**

### **A GUERRA DOS MAGOS**

#### **ROSACRUZES E SATANISTAS FRENTE A FRENTE**

No século XIX consagrou a França como a "capital universal da razão". O espírito cartesiano foi se afixando no país vizinho e a batalha das idéias foi ganha pelo racionalismo. Em toda França? Podemos duvidar. Foi nessa mesma França onde floresceu o ocultismo com figuras como "Papus" ou Eliphas Levi, foi ali onde apareceram movimentos neo-templários - com Fabre Palaprat - igrejas gnósticas com bispos e prelados, seitas ocultistas de todos os tipos e condições e, finalmente, na apoteoses do irracional, movimentos satânicos e Rosacruzes. Faz agora 100 anos, uns e outros se engalinharam numa estranha disputa que foi conhecida como a "Guerra dos Magos".

Estes são os personagens e estas são as situações...

#### **DE VINTRAS A PIERRE MICHEL**

Até os 32 anos, nada, nem o próprio interessado, suspeitou que Pierre Eugene Michel Vintras, estava conclamado a protagonizar um dos episódios mais perturbadores da vida religiosa ocidental do século XIX. Havia nascido em 1807, quando os estandartes napoleônicos passeavam triunfais pela Europa; o caos econômico-social da França, apenas saída do terror jacobino e conhecendo as primeiras vitórias imperiais, antes da derrota e a crise, repercutiram na juventude de Vintras. Conhecem-se ao menos uma dezena de ofícios que praticou e que não impediram que conhecesse amiúde as privações e a fome. Não foi senão até que logrou um trabalho como contador de um moinho em Tilly-sur-Seules que pode estabilizar sua vida e casar-se.

Pouco tempo depois começou a ter visões. Um ancião etéreo lhe aparecia frequentemente desde o 6 de agosto de 1839, animando-o, por indicação da Virgem María, a fundar uma instituição de caridade. Tudo induz a pensar que Vintras era, nessa época, ao menos, sincero e que devia sofrer uma experiência mística de singular intensidade. Seja como for, pôs em conhecimento de seu confessor estas visões e, animado por todos, decidiu "entregar-se à vontade de Deus". O fez com singular zelo e originalidade.

Pouco tempo depois fundava a primeira das "setenas", agrupamento de sete devotos que, antes de receber o nome de um anjo, oravam em comunidade pela expiação dos pecados. Vintras, que a tudo isto, trocou seu nome vulgar pelo iniciático de "Pierre Michel" - como depois o trocará por "Elias" e, finalmente, adquirirá o nome angélico de Strathanael - vai enunciando seu pensamento, cada vez mais sombrio: o fim do mundo se acerca, a iniquidade se apoderou da alma dos homens, a segunda chegada de Cristo está a ponto de produzir-se e, portanto, é preciso preparar sua vinda. Um esquema tão simples só podia ter eco em tempos de crise e a França da época viveu permanentemente desestabilizada desde a convocatória dos Estados Gerais e o assalto da Bastilha, até a Comuna de Paris e a aparição dos primeiros movimentos sociais. Em um abrir e fechar de olhos, as setenas haviam proliferado por toda a França e o moinho de Tilly passou a ser um lugar de peregrinação.

O círculo vintrasiano não havia deixado de ser um movimento de renovação carismática entre outros muitos que proliferavam na época, de não haver sido por distintos fatores que contribuíram a diferenciá-lo de todos os demais. Em primeiro lugar, não somente tinha um caráter religioso e escatológico, senão que, ademais, teve já desde seus primeiros passos, uma opinião política muito bem definida. Os vintrasianos, todos, eram "naundorfistas" e o próprio Naundorf se sentiu atraído

pelo movimento. Em segundo lugar, proliferaram os milagres: hóstias consagradas que sangravam, curas operadas contra toda lógica médica, aparições, mensagens divinas. A partir daqui, a hierarquia católica começou a inquietar-se e o que havia sido uma comunidade piedosa, passou a ser considerada como foco subversivo e, portanto, excomungado.

### **NAUNDORF E O NAUNDORFISMO**

Em 2 de Agosto de 1830, Carlos X abdicou, porem seus partidários conservaram força e poder como para poder resistir, só precisavam um gesto do monarca para sublevar-se. Carlos X, preferiu, na mesma tarde de sua abdicação, consultar a um campesino inculto, Thomas Martin, que vivia próximo de Rambouillet e que tinha fama de profeta. Dizia-se que mantinha animadas conversações com o mesmo arcanjo São Miguel. Impulsionado por vozes misteriosas, entre outras a de Joana d'Arc, Martin foi ver a Luís XVIII, que havia recuperado a coroa para os Borbons depois da queda de Napoleão. Sua fama na corte era imensa e quando Carlos X teve a tentação de resistir, enviou a seus emissários para que lhe trouxessem Martin. Este nem sequer se dignou vestir-se, se limitou a profetizar que Carlos X jamais recuperaria o trono, "atrás dele ha uma mão que o rechaça"; seu filho tampouco reinaria nunca e ambos morreriam no estrangeiro. Logo, pretextando o calor, voltou à cama. A "mão que o rechaça" era para Martin, a presença do rei legítimo, Luís XVII, o Delfim filho de Luís XVI, que ainda não havia sido morto. Anos depois, em 27 de Setembro de 1833, Martin, depois de profetizar que "aparecerão falsos delfins" (nesse mes foram detidos três pela polícia) corre conhecer a outro novo, Naundorf, que pretende fazer-se parar pelo rei perdido. Naundorf dorme quando chega Martin, porem este entra no dormitório e o desperta, logo exclama: "Meu querido Martin", os dois homens se abraçam e Martin prorrompe em pranto: por fim encontrou a quem tanto buscava: "É ele é, a mesma pessoa que vi numa visão com muitos soberanos. É o filho de Luís XVI! Temos que dizer que Martin, antes destas visões, foi submetido a tratamento psiquiátrico.

Naundorf havia chegado a París em 28 de Maio de 1833 sem um franco no bolso; se vê obrigado a dormir no chão e comer fruta roubada nas árvores dos arredores. Antes havia sido relojoeiro em Crossen, Prússia, onde um periódico - a Gazeta de Leipzig- publicou que era filho de Luís XVI. Quando se sentiu preparado decidiu-se pelo caminho entre Crossen e París a pé.

A maioria dos historiadores modernos sustentam que "Naundorf", antes de pretender ser o filho de Luís XVI havia desertado do exército; seu verdadeiro nome era Carl Werg, nascido em 3 de Maio de 1777. O pretense filho de Luís XVI - guilhotinado pelos revolucionários na, ironicamente chamada, "ponte da Concórdia"- e Delfim da França, preso com toda a família real no Forte dos Templários, havia conseguido fugir de sua cela e, por insondáveis caminhos, regressar para reivindicar o trono de seus ancestrais.

O abandono do anonimato para Naundorf se produziu no curso do processo iniciado contra alguém que dizia ser Esthelbert - Louis Hector - Alfred, barão de Richemont e "Duque de Normandia"... quer dizer, filho de Luís XVI. Richemont era, por suposto, uma mescla de mitomâno e fraudador, seu nome devia juntar-se à longa lista de sujeitos, todos eles, mais ou menos visíveis fraudadores, que reivindicavam ser o "Delfim perdido". Sem demora no curso do processo, uma voz entre o público interrompeu bruscamente a sessão: "Sou Morel de Saint-Didier, vivo na rua Du Bac e sou portador de uma carta para os senhores jurados, escrita pelo verdadeiro Charles-Louis de Bourbon, filho de Luís XIV". As risadas com as quais o público acolheu a proclamação não puderam evitar que este episódio fosse o ponto de partida para um dos enigmas mais fascinantes do século XIX. A própria irmã do Delfim, a Duquesa de Angulema, que vivia em Praga com os Borbons exilados, não pode evitar reconhecer que o "caso Naundorf" não era como os demais. Pouco depois do episódio do júizo, Morel de Saint-Didier, viajou à Praga na qualidade de procurador de Naundorf, com a intenção de entrevistar-se com a família real, porem só logrou avistar-se com a Madame de Rambaud que, em outro tempo, fora camareira real do Delfim. Morel conseguiu que Rambaud recebesse a Naundorf e se convencera da veracidade de suas pretensões. Pouco depois a camareira

escrevia à Duquesa de Angulema: "... vosso irmão vive. Meus olhos o viram e reconheceram; as horas que passei em sua companhia me deram uma absoluta convicção".

Outra dama da infanta Victoria, filha de Luís XV, escreveu à Duquesa: "estou convencida de haver falado ao príncipe tão chorado pelos franceses". Bremont, antigo membro da secretaria de Luís XVI, igualmente reconheceu ao Delfim: "reconheci no pretendente Charles-Guillaume Naundorf ao órfão do Templo, vosso augusto irmão". Todas estas declarações serviram ao menos para que a Duquesa de Angulema começasse a duvidar e decidiu enviar ao Conde de Rochefoucauld para que estudasse o indivíduo: "Me achei na presença de um homem cuja semelhança com os retratos bem estudados de Luís XVII e com os traços da família Bourbon não podia negar-se (...) nem no tom das palavras havia nada que parecesse audácia ou falsidade e muito menos ainda uma velhaquice". Em 1834, mais de vinte servidores da família real o haviam reconhecido como o Delfim de França. A todos eles descreveu situações, lugares que só o autêntico Delfim podia conhecer. E não só entre a criadagem, como entre ministros de Luís XVI, e De Joly. O realmente curioso era que Naundorf recordava a seus 40 anos, situações e nomes de quando o Delfim tinha somente 7, quer dizer, que sua memória dos feitos do Delfim ia mais além do normal; era capaz, por exemplo, de recordar as iniciais do obreiro que selou a habitação de Luís XVI na Torre do Templo ou reconhecer um traje que somente usou numa ocasião a seus sete anos.

Não faltaram historiadores e analistas que deduziram em Naundorf uma capacidade para ler os pensamentos de seus interlocutores e repetir as respostas que estes esperavam ouvir. Que custa mais admitir que Naundorf fora o Delfim perdido ou cre-lo dotado de qualidades paranormais?

Em 29 de Janeiro de 1834, Naundorf foi apunhalado e quase morto. A faca passou roçando o coração e salvou a vida por milímetros. Poucos dias antes Morel se havia entrevistado em Praga com a Duquesa de Angulema. Ao que parece a vinculação de Morel com Naundorf procedia de que a mãe do primeiro afirmava haver tido certo papel na fuga do Delfim da prisão do Templo. Dispondo de meios econômicos dedicou toda sua vida a buscar ao Delfim e acreditou encontra-lo em Naundorf a cujas ordens se pôs de boa fé. Dado que o pretendente era de origem estrangeira, Morel apresentou em seu nome as demandas judiciais que foram desestimadas pelas distintas instancias judiciais. Os Borbons contra-atacaram e a coisa acabou novamente nos tribunais. Em 15 de Junho de 1836, a Duquesa de Angulema e Carlos X, lograram que Naundorf fosse expulso e obrigado a embarcar para Inglaterra. Este foi o principio do fim para Naundorf que já havia recrutado depois de si mesmo uma importante quantidade de partidários, todos eles procedentes dos meios mais conservadores e ultramontanos franceses, entre os quais não faltavam sacerdotes.

O exílio londrinense colocou a Naundorf em uma crise mística e, sem esquecer sua pretensão de reivindicar o trono da França, se converteu em um reformador religioso. E 1838 publicou seu livro "Doutrina Celeste", evangelho da nova seita. Trata-se de um livro ilegível ao que seguiu outro intitulado "A revelação sobre os erros do Antigo Testamento" escrito ao ditado por Joana d'Arc. Algo havia transtornado a mente de Naundorf depois de sua chegada a Londres.

Teve Naundorf uma estranha experiência mística similar à que experimentou, mais ou menos por essas mesmas datas, Vintras? Em qualquer caso, em seu momento pode surpreender que um livro fora escrito ao ditado de um personagem histórico desaparecido ha séculos, porem quando apareciam, contemporâneos no tempo, os primeiros movimentos espiritas nos EEUU e França que afirmavam comunicar-se com o mundo dos mortos e receber deles mensagens. E não muito depois H. P. Blavatsky afirmaría escrever seus livros segundo o ditado dos "Mahatmas" e inclusive hoje centenas de pessoas de todo o mundo praticam o "channeling" ou canalização que lhes permite - sempre segundo eles- receber mensagens do além. Acredita-se que boa parte de todo este arsenal está formado por experiências interiores mal compreendidas, espontâneas e inclusive por casos de possessão, sendo o resto quadros clínicos que evidenciam psicopatias.

Em 9 de Maio, o delírio místico de Naundorf desembocou na constituição do "Alto Conselho da Igreja Católica e Evangélica", composto por doze membros "designados pelo anjo". Seis meses depois a igreja dividiu-se e parte de seus membros abjuraram da nova fé cismática. Naundorf sofreu um novo atentado, recebendo dois tiros que voltaram a coloca-lo à beira da morte; se isso fosse pouco, em 1841 sua casa resultou incendiada. A uns poucos meses foi preso por dívidas e ao sair tomou a decisão de abandonar Inglaterra e radicar-se na Holanda onde morreu em 1845 na cidade de Delf, segundo seus partidários, envenenado, porém, em qualquer caso, desordenado.

Nada pode estranhar o estado mental de Naundorf. No caso de que fora o verdadeiro Delfim, sua vida esteve repleta de tragédias e do mais elevado cunho passou à miséria e ao terror de seu encarceramento no Templo e à decepção que lhe produziu ser rejeitado por seu irmão, caluniado e perseguido arteiramente. Se era o Delfim, se compreende sua loucura. Se não o era, no ato mesmo da suplantação está o traço mais palpável de sua mitomania e, por conseguinte, de sua loucura permanente. Porém em qualquer dos dois casos, temos que perguntar o que nos diz a história. A resposta não está tão clara como inicialmente pudera parecer. Nenhuma das distintas teorias pode demonstrar eficiência até agora. Fundamentalmente são três: 1) Naundorf era o autêntico filho de Luís XVI, 2) Luís XVI morreu na torre do Templo e Naundorf era um visionário com certa capacidade para ler os pensamentos e 3) o Delfim sobreviveu a seu cativeiro, foi substituído na Torre do Templo por um menino de sua idade, retardado mental, porém seu rastro se perdeu.

A possibilidade de que Naundorf fora o Delfim é apenas nula. A sede de mistério, não pode apagar a realidade e o método histórico. Existe uma prova irrefutável e definitiva para estabelecer se Naundorf e o Delfim foram a mesma pessoa: a análise do DNA. Dado que no ajuntamento de Delf, onde morreu, se conservam cabelos de Naundorf, bastaria comparar a sequência de DNA com os restos de cabelos do Delfim que conservou a família dos Habsburgo. Em efeito, a irmã maior de María Antonieta, María Ana, passou os últimos anos de sua vida na Áustria, falecendo pouco depois do guilhotinamento de sua irmã. Entre os pertences que legou ao convento de Klagenfurt figurava um relicário que continha cabelos dos filhos da Imperatriz. Este relicário pertence na atualidade a Otto de Habsburgo, o qual, à petição do historiador J.H. Petrie, autorizou sua abertura e a análise dos cabelos cuja sequência de DNA devia comparar-se com a dos cabelos e um fragmento de um fêmur de Naundorf. No momento de escrever estas linhas estão completando as análises, que serão publicados na revista "Nature Genetics" a qual os realiza gratuitamente em troca da exclusividade na publicação dos resultados. Sem demora, todos induzem a pensar que, como já ocorreu no caso da Grande Duquesa Anastácia, estes serão desfavoráveis para a tese de uma identidade entre Naundorf e Luís XVII, Delfim de França e Duque da Normandia.

Em qualquer caso, os naundorfistas não se extinguíram com a morte de seu líder e com as sombras que sempre se projetaram sobre a autenticidade de suas pretensões; se bem que seu movimento religioso se extinguiu, a maior parte de quem o constituiu foram engrossar as setenas de Vintras o qual afirmou pública e repetidamente seu naundorfismo. E outro tanto fizeram a maioria de ocultistas franceses do século XIX. Desde o ponto de vista religioso a fidelidade a Naundorf permitia ocupar um espaço conservador, porém ao mesmo tempo, abria a possibilidade a uma visão religiosa heterodoxa. Foi assim como muitos ocultistas do século XIX, Joséphin Péladan, Stanislas de Guaita, Saint Yves d'Alveydre e outros muitos, sempre consideraram a Naundorf como o Delfim de França e, portanto, depositário de uma concepção esotérica do catolicismo que sua loucura traduziu em termos grotescos porém atrás dos quais se escondiam chaves esotéricas.

Assim por exemplo, em um de seus escritos místico-religiosos, Naundorf chega a descobrir que o Paraíso se encontra no mesmo centro do sol e tenta chegar a esta explicação mediante complicados cálculos matemáticos aos quais tão aficionados eram os místicos da época como Fourier ou Saint Simon e se bem, atrás da doutrina destes, se percebem com facilidade chaves numerológicas e temas derivados de um rosacrucianismo mal compreendido, isso mesmo resulta evidente em algumas idéias místicas de Naundorf. Hoje, alguns historiadores sustentam que Naundorf ingressou secretamente na Obra da Misericórdia de Vintras, o qual, cifrava todas suas esperanças políticas e

escatológicas em Naundorf a quem considerava, efetivamente, o "Rei Perdido", que devia ser "o Grande Monarca" das profecias apocalípticas, que empreenderia a luta final contra as potências do mal à frente de uma cristandade renovada.

### **A OBRA DA MISERICÓRDIA**

Reforçados com os naundorfistas, Vintras e os seus progrediram rapidamente e conseguiram estabilizar uma rede de setenas por toda França, entre cujos membros figuram vários expoentes da nobreza naundorfista. Porém, as pressões da Santa Sé e os interesses do governo francês da época se uniram para perseguir a Vintras que terminou sendo acusado - de maneira torpe e mordaz- de fraude. Condenado a cinco anos de prisão em 20 de Agosto de 1842, abandonará o cárcere em 25 de Março de 1848. Desde a prisão proporá a seus partidários a criação da Ordem dos Cavaleiros da Virgem María e elaborará um ritual destinado à glória de Melquisedek com o qual se autoelevará à categoria de sacerdote, rito que, segundo declarou, foi ditado por um anjo.

Posteriormente, as ordenações seguiram e o próprio Vintras consagrou a outros sacerdotes "da Misericórdia" que foram os pilares da Ordem do Carmelo, surgida da federação das setenas. Porém a aliança entre Napoleão III e o Vaticano se traduziu em uma nova perseguição contra Vintras e os seus. Em 17 de Março de 1852, o santuário central da ordem em Tilly, foi invadido pela polícia e seus arquivos e objetos Ritualísticos confiscados. Vintras e vários sacerdotes do Carmelo Ilíaco lograram escapar ao cerco policial e refugiar-se em Londres desde onde conseguiram estender sua organização pela Escócia e boa parte da Inglaterra, onde ainda subsistem hoje. Depois da queda de Napoleão III, Vintras regressou à França ordenando novos sacerdotes, sem encontrar grandes obstáculos à sua pregação. Em 7 de Dezembro de 1875 morreu em Lyon, Meca do ocultismo francês; não é raro que a continuidade de sua seita fora assegurada neste século por dois ocultistas e Martinistas célebres, Johann Bricaud e Constant Chevillon.

### **MAGIA E SATANISMO**

Vintras foi condenado definitivamente pelo Vaticano em 1851, pois bem, nos quarenta anos seguintes, o satanismo experimentou uma floração em toda Europa, inclusive na Espanha (os casos de satanismo em Jaca, os repetidos casos de possessão demoníaca em Barcelona dos que o próprio Jacinto Verdaguer se ocupou, etc.). E se Vintras foi definitivamente condenado pela Igreja foi pelo caráter problemático de suas práticas, definidas pelo Papado como "satânicas e infernais". O que parece evidente é que, ao menos em principio, nem Vintras, nem seu sucessor à frente de sua obra, o abade Boullán, pretenderam render culto ao diabo, e sim que inclusive diziam combatê-lo. Vintras elaborou um complicado ritual de exorcismo que utilizou não poucas vezes. A defesa mais segura para prevenir a ação do diabo era o uso das hóstias milagrosas que Vintras produziu até sua morte. Para seus oponentes e para a Justiça, estas hóstias eram uma pura farsa e foram a causa de uma das estadas de Vintras entre as grades.

Nesse período desgraçado para o profeta de Tilly, enquanto permanecia no cárcere, adquiriu peso no seio do movimento um sacerdote, Pierre Maréchal, que difundiu teses relativistas sobre o mal. Se os "anjos chegados à terra para pregar o Terceiro Reino" (quer dizer, os vintrasianos), pareciam cometer pecados desde o ponto de vista humano, na realidade, situados mais além desse ponto de vista, no haveriam cometido pecado algum. Não é a primeira vez que uma doutrina religiosa adquire uma moral relativista que exime de qualquer culpa a quem se situam nos graus mais altos da hierarquia, para os quais parecem não reger as convenções morais habituais. Habitualmente se trata de uma escusa da hierarquia para dar renda solta a seus mais baixos instintos. De fato, este tipo de moral está presente, hoje em dia, nas seitas consideradas como mais destrutivas. A emissão de sêmen era fundamental para criar "novos anjos"; a masturbação passou a ser habitual na setena do Marechal e logo passou a outras até difundir-se em toda a comunidade. As mulheres eram convencidas de que podiam dar a luz a novos anjos unindo-se a seus confessores. Ao sair do cárcere, Vintras encontrou o movimento transformado em uma direção que não

compartilhava; expulsou ao Marechal e restabeleceu a ordem, porem a noticia dos escândalos já transcendera e foi utilizada pelos antivintrasianos para desacreditar, não só as setenas como também a Naundorf.

Este episódio serviu para alertar a Vintras sobre os perigos que corria sua organização.

Deduze-se que se tratava de infiltrações de corte satanista e procedeu a criar uma rede de informantes sobre este tema que lograram infiltrar-se nos círculos mais variados de toda Europa, desde ocultistas até propriamente satanistas e espiritas, aos que Vintras considerava como emanções satanistas propriamente ditas. Assim pode-se saber os conteúdos das missas negras que nesses momentos se faziam em boa parte dos países da Europa, em capelas sacrílegas adornadas com símbolos sexuais extraídos do mundo clássico e deuses pagãos da antiguidade. Muitos dos documentos e informes que recompilou Vintras parecem ser puro delírio imaginativo, intoxicação ou simplesmente produto de fantasia. Porem não todos; é rigorosamente certo, que o satanismo se converteu numa perversão do espírito, relativamente estendida, durante a segunda metade do século XIX. Vintras, alarmado e inquieto, porem também maravilhado por esta "espiritualidade negativa", redigiu rituais e cerimônias de proteção. Uma delas, o "Sacrifício Provicimal de Maria" implicava que os justos deviam aproximar-se aos pecadores implorando seu perdão, graças a um sacrifício expiatório.

As descrições que faz Vintras das missas negras e, sobre tudo, de suas intervenções para frustra-las, recordam extraordinariamente os temas de modo no ocultismo do século XIX: de um lado, os espíritos do mal são apresentados como "fluídicos" e sua ação como "magnética" (como herança das concepções de Franz Anton Messmer), os cenários nos quais aparece o Maligno evocam as sessões espiritas e, finalmente, a defesa de Vintras tem más de novela gótica que de descrição realista.

A fama de Vintras foi decaindo, paralela à perda de vigor do movimento naundorfiano, e ficou sumida numa profunda crise quando Joseph Antoine Boullan assumiu a direção do movimento apoiado numa minoria dos hierarcas. Boullan, sacerdote era, ao mesmo tempo, doutor em teologia e um homem de formação intelectual completa, que desde os anos de juventude, se havia visto irreprimivelmente atraída pelo mundo das aparições marianas e as profecias apocalípticas. Neste sentido, França era um caldo de cultivo ideal para ele. O país ainda não recomposto da orgia de sangue que foi a Revolução Francesa, viveu, ao longo de todo o século XIX, uma sucessão de traumas que convenceram aos católicos de que se tratavam de sinais do fim do mundo e nessa atmosfera carregada e depressiva, surgiram aparições como as da Virgem da Salette e a de Lourdes. Temos que dizer que os legitimistas partidários de Naundorf aceitaram, em seu conjunto, as mensagens da Virgem de La Salette, extraordinariamente conservadores y nacionalistas.

### ***O ABADE BOULLAN ENTRE DOIS FOGOS***

Como fruto de seu interesse pelas aparições de La Salette, Joseph-Antoine Boullan conheceu a uma monja belga, Adela Chevalier que dizia ter visões. Boullan, nascido em 1824, foi ordenado sacerdote ao cumprir os vinte e quatro; destinado inicialmente a uma paróquia em Montauban, se dirigiu a Roma, pouco depois ingressando na Congregação de Missionários do Precioso Sangue e obtendo o doutorado em teologia. Destinado a uma obscura paróquia alsaciana, ali escreverá suas primeiras obras místicas e traduzirá uma obra de María de Agreda, "A Cidade Mística". Em 1854, inspirado pelas aparições marianas de La Salette, romperá com sua congregação e se trasladará a París onde colaborará em "Le Rosier de Marie", uma publicação de devoção mariana que difunde a mensagem de La Salette. Será na redação dessa revista onde conhecerá a Adela Chevalier da qual se converterá em diretor espiritual.

Pouco depois Boullan e Adela Chevalier, propuseram a Pio IX, a criação de uma ordem religiosa mista, a Obra da Reparação, que depois de vencer bastantes reticências da cúria, obteve em 1859 a

autorização do Monsenhor Mabile, bispo de Versalhes. Uma das finalidades dessa ordem mista é a luta contra o diabo, a quem Boullan atribui a responsabilidade da maldade e a morte que sacode a humanidade. E a partir daqui, é quando começam a evidenciar-se aspectos muito problemáticos na trajetória de Boullan. Pronto Boullan conseguiu abrir um estabelecimento na rue de Sevres, na qual se albergaram "algumas pobres moças histéricas e megalomaniacas". Enquanto Adela assumia a direção dos assuntos cotidianos da congregação, Boullan se erigia diretor espiritual. Foi nesse período quando começou, à maneira de Vintras, a atribuir-se o poder de sanção, pois não em vão considerava que toda enfermidade era um castigo de Deus por um pecado cometido pelo enfermo e instigado pelo Diabo. A teoria da Reparação, como veremos, implicava que os predestinados podiam assumir as enfermidades do pecador e redimi-lo de sua culpa, sanando-o.

Um belo dia, Adela Chevalier fica grávida e Boullan assegura que foi possuída e violada por um diabo, o filho que leva em suas entranhas, é pois, o filho do diabo e Boullan se encarrega de mata-lo. O episódio - nada, nem sequer dentro da comunidade duvidou nunca que Boullan fora o pai da infelizmente criada - evidenciou que as práticas sexuais tinham uma presença não desdenhável no acervo de ritos da Obra da Reparação: a tese central do grupo era que os "apóstolos da reparação" deviam assumir e carregar com os pecados do mundo, como faze-lo? cometendo os mesmos pecados que os outros, porém sacralizando-os. Por curioso que possa parecer, esta teoria não era nova, em toda a história das religiões se encontram ecos do que Boullan reinventou ou resgatou, introduzindo adulterações. Tanto na tradição hindu, como nos tantras tibetanos, ou inclusive no Sufismo, qualquer união sexual pode ser sacralizada a condição de que os parceiros assumam as potências de uma parceria divina. A união se converte em hierogamia, união sagrada e está reputada de ter qualidades mágicas. Boullan orientou este mecanismo até o que chamava "a reparação". Quando o pecado foi transferido do pecador à pessoa devota possuída pela Graça de Cristo, esta mesma extingue e apaga o pecado com seu infinito poder.

Boullan escreveu: "Um grande número de vidas de santos ou santas que Deus elevou a um estado particular de graça sobrenatural estão cheias de fatos referentes a que ditas almas sofreram as enfermidades dos demais, que aceitaram sofrimentos estranhos, numa palavra, que suportaram enfermidades que não lhes pertenciam e das quais os demais se encontraram liberados. Pergunta-se então, por que o pecado não poderia ser também transferido, previamente à aceitação da alma reparadora. A base da Reparação, o que com justo título é sua verdadeira pedra angular, é a reversibilidade, não possível, e sim real, do pecado; é a transferência de uma pessoa a outra, com seu consentimento dos pecados estranhos em seu ser. A transferência de um pecado de uma pessoa a outra é um fato que pode ser verificado, comprovado, da maneira mais segura. Ser uma alma reparadora consiste em aceitar o pecado de seus irmãos na medida em que são expiados os seus; se trata, com ajuda da graça Santificante que está em nós, assim como da graça que nos é concedida, de suportar o peso do pecado, destruí-lo em nosso corpo pela virtude de Jesus Cristo. Assim, na divina Reparação, o pecado está em nós com suas características, sua espécie, sua natureza e todas as formas que tinha naquele que o cometeu. A alma reparadora experimenta e sente o pecado em seu corpo, tal como tem sido; constata as fases, os progressos do vício, do defeito, da paixão; em uma palavra, sofre todas as crises da lei do pecado".

Boullan, seguramente conheceu a "doutrina cristã da reparação" em seus anos de estudos teológicos e a adaptou a suas conveniências. Entre outras coisas, esquecia que se bem a Igreja admite que alguém possa assumir e carregar com os pecados dos outros, nada lhe autoriza a pecar por si mesmo e a gerar ele mesmo pecados. Porém nada parecia deter a audácia de Boullan e da Chevalier que multiplicam seus anúncios assegurando curas milagrosas e receptores de mensagens divinas.

Amparado nesta curiosa teoria, Boullan submetia as suas noviças a cerimônias aberrantes. Depois de have-las convencido de que estavam possuídas pelo diabo, passava a exorcizá-las, derrotando todo seu arsenal de perversões sexuais. Cuspia-lhes na boca e obrigava a beber suas urinas e os fluxos menstruais de Adela.

Uma carreira como esta devia topar prontamente com dificuldades. Primeiro a sanção eclesiástica, pois não em vão, Boullan seguia sendo nesse momento ministro da Igreja. O episódio não esclarecido do infanticídio encontrou no bispado o primeiro interessado em que se mantivesse em segredo. Todavia hoje se duvida se morreu ao nascer, foi estrangulado por Boullan ou sacrificado no curso de uma missa negra. Nesses momentos somente formam parte de sua comunidade uma dúzia de homens e mulheres enlouquecidos - Boullan afirma que se trata de casos de possessão demoníaca- que se instalam no pequeno povoado de Triel. Daí passam a Vaux. Porém Boullan é acusado pelos tribunais ordinários por delito de fraude. Cumprirá três anos de prisão, acudindo ao Santo Ofício romano a confessar-se em sinal de arrependimento. Assim transcorrem seus anos entre 1861 e 1869 data na qual regressa a França ocupando uma função numa revista "Anais de Santidade" especializada nas aparições marianas e nos fenômenos de misticismo. Porém a fronteira entre estas correntes católicas, vistas com receio pela Igreja, e os círculos ocultistas e espíritas não são tão sólidos como pudera pensar-se, apesar dos ataques mútuos que se produziam. No fundo, ambos setores estão atraídos por duas fenomenologias que tem muitos pontos comuns, só varia a explicação que lhes atribuem.

Quando em 1875 Boullan escreveu a Vintras e passou a formar parte de seu círculo, o Vaticano que esperava a ocasião para resolver suas diferenças com a nova linha adotada por aquele, o excomunga e expulsa do seio da Igreja. É possível que Boullan, a partir desse momento, sonhara com vingar-se do Vaticano e buscara no grupo de Vintras o instrumento necessário. Do que não cabe a menor dúvida é do sentimento que despertou em Boullan a decisão de excluí-lo da Igreja. Vintras comunicou a Boullan que um anjo lhe havia imposto o nome de "Elías-João Batista"; porém a pouco de tomar contato com ele, Vintras morre e Boullan se traslada a Lyon para tentar assumir o controle da organização. Graças ao apoio de Souleillon, um bispo vintrasiano, consegue fazer com que Vintras seja eleito por uma minoria como novo chefe espiritual.

Não esqueçamos que nessa época Lyon era, com Paris, a capital do ocultismo francês, à parte da sede do vintraísmo. Foi precisamente nesses ambientes nos quais Boullan se pôs buscar novos adeptos, o que redundou que Stanislas de Guaita se fixasse nele e desconfiasse dos propósitos do sacerdote. Foi assim como Stanislas Guaita logrou introduzir seu amigo e discípulo Oswald Wirth, em torno de Boullan.

Guaita havia fundado em 1888 a "Ordem Cabalística da Rosa Cruz" à qual pertenceram Joséphin Péladan, Gerard Encausse "Papus" e o próprio Oswald Wirth. A Ordem havia sido constituída como herdeira direta da Ordem da Rosacruz do Templo e do Graal que fundara em Toulouse o conde de Lapasse em 1845, a qual, por sua vez, procedia da Ordem dos Filadelfos, organizada em Narbona pelo marquês François Chefdebien em 1789. Péladan se separou de pronto da Ordem e passou a fundar seu "Salão Rosacruz" alcançando fama e renome nos meios artísticos durante os últimos anos do século passado e os primeiros deste. Quanto a Oswald Wirth, passou à história do ocultismo e da maçonaria como autor de obras de indubitável interesse e qualidade.

Wirth em seu período de infiltração em torno "reparador" de Boullan ficou impressionado com o que ali viu. O círculo interior praticava o que Boullan chamava "uniões de vida" cuja base teórica era a possibilidade para um ser que se encontrava num nível espiritual primário de ser ajudado em sua "evolução" por outro ser situado num nível superior. A melhor forma de realizar este "intercâmbio ascensional" era, desde logo, a união sexual, pois não em vão os discípulos de Boullan davam à palavra "Carmelo" uma origem etimológica imprópria, "carne elevada ao céu". Assim pois, o membro da Obra da Reparação devia unir-se a qualquer ser ao que assegurasse sua ascensão espiritual, ou melhor, a qualquer outro ser situado num plano superior. Todo isto, naturalmente, levou à Obra da Reparação a converter-se num patamar no qual todas as perversões sexuais encontravam seu lugar. A sanção se praticava mediante estranhas receitas. Um de seus remédios favoritos para curar afeções da pele era emplastos de hóstia consagrada com urina e excrementos. Certamente, na farmacopéia rural, a urina se utiliza abundantemente, porém jamais nada se havia atrevido a uni-la ao que o católico considera corpo e sangue de Cristo. Boullan no curso de todas

estas cerimônias orgásticas era, naturalmente, quem mais se beneficiava, pois não em vão, sua altura espiritual era maior. Amante da feição, algum estudo contemporâneo afirma que devia estar afligido de "satiriasis" ou adição patológica ao sexo.

Wirth terminou sendo suspeito aos olhos de Boullan; só parecia interessar-lhe a teoria, porém permanecia alheio a qualquer tipo de prática e as relações foram esfriando-se até a ruptura definitiva. Quando esta ocorreu, Wirth entregou todo o material recompilado e suas declarações a Guaita o qual convocou um "tribunal iniciático", único que podia julgar delitos contra a espiritualidade. A sentença emitida aludia a "a promiscuidade sem limite, à ubiquidade do impudor, ao incesto, à bestialidade, ao incubismo, enfim", praticados pelo círculo interior do grupo. Péladan, Bricaud, Barlet, Papus e Guaita formavam parte do dito tribunal que condenou a Boullan à "morte iniciática". Isto implicava a difusão pública dos segredos da seita, sua denúncia diante dos meios de comunicação e o desmascaramento das práticas orgásticas e desenfreadas de seus membros, algo muito menos terrível que o próprio enunciado da condenação. Boullan, sem demora, esteve persuadido até sua morte, de que se tratava de uma condenação à morte emanada dos círculos satanistas que se realizaria mediante meios mágicos. Tal foi a origem do que se conheceu como "guerra dos magos".

A sentença condenatória contra Boullan se emite em 1887; este ainda viverá cinco anos. Tal é o tempo em que se prolonga a "guerra dos magos". Boullan, a partir da sentença, começou a notar o que chamava "ataques fluídicos" contra sua pessoa. Suas duas defesas mais notáveis eram as hóstias milagrosas que havia herdado de Vintras, amuleto seguro contra o diabo, e a proteção de Julie Thibault, suposta sensitiva que "via" à distância os "ataques fluídicos" dos Rosacruzes considerados como satanistas. O professor Massimo Introvigne tem razão em explicar o paradoxo desta situação. De um lado, Boullan afirma combater aos satanistas, porém ele mesmo em nome do antisatanismo realizou práticas propriamente satânicas: misturando hóstias com urina, excrementos e sangue menstrual, realizando orgias sexuais muito similares às missas negras. Em quanto a Guaita e aos Rosacruzes, em princípio aliados da ortodoxia romana, utilizaram para condenar a Boullan, a mesma violência e as mesmas expressões que uns poucos anos antes havia utilizado a Igreja para condenar a Vintras.

### **HUYSMANS, ALEM ABAIXO**

Joris Kark Huysmans era já um escritor de fama consolidada, considerado como o principal discípulo de Zola; sem demora seus interesses enveredavam pelos caminhos do ocultismo pelo qual se sentia vivamente atraído. Em 1895 emprestou sua casa a Madame Thibault, uma das sacerdotisas e videntes da seita de Boullan, para que celebrasse os cultos estabelecidos por Vintras e Boullan. La Thibault tinha a particularidade de "ver" à distância as manipulações satânicas dos inimigos de Boullan e de Huysmans e descrever seus movimentos com o menor detalhe. Todo induz a pensar que se tratava de pura fantasia e o próprio Huysmans convenceu-se ao cabo de três anos de albergar a Thibault em seu domicílio, onde oficiava em qualidade do que o professor Introvigne definiu como "exorcista doméstica".

Huysmans, escrevia desde muito jovem alcançando uma notável consideração de Emile Zola, glória das letras francesas e do naturalismo da época. Logo passou às fileiras do decadentismo que já fazia seus primeiros estragos e que com Marcel Proust estava reembasando em popularidade ao naturalismo. Porém já nessa época começa a se interessar pelo catolicismo através de seu amigo o escritor Leon Bloy a quem ajudará nos momentos de crise pessoal. Porém se tratava de um homem radical em seus gostos cuja vida resume todos os caracteres de uma época: piedoso, era habitual dos bordéis, católico, se sentia igualmente atraído pelo ocultismo e a magia. Bloy, não é menos certo que conheceu os Rosacruzes Guaita e Péladan e travou amizade com Jules Bois, assim mesmo amante do oculto e de Emma Calvé, diva do belo canto e musa dos conventículos ocultistas parisienses. Também se relacionou com Papus e participou de práticas espirituais. Uma mulher, Berthe Courrière lhe induziu o interesse pelo diabo.

A Courrière, como outros muitos católicos franceses de finais de século, a força de meditar e pensar no diabo e na luta contra ele, haviam-se sentido atraídos de maneira mórbida pela realidade das missas negras, os cultos e as invocações satânicas. Não será o único caso, nem o mais extremo, como veremos nestas páginas. O poeta Apollinaire, amigo de Berthe Courrière, deu a data de que esta mantinha excepcionais boas relações com o reitor da Capela e o Santíssimo Sangue de Cristo, Louis van Haecke. O testemunho de Apollinaire, unido a outros do mesmo semblante, indicam que van Haecke era um desses sacerdotes que haviam passado ao campo do satanismo e que realizavam missas negras na mesma capela onde se guardava um recipiente que a tradição dizia guardava gotas do sangue de Cristo. Em 1890 se produziu a ruptura entre van Haecke e Berthe e esta foi internada num hospital psiquiátrico depois de fugir desnuda da casa do cura. Pouco depois, depois ser dada alta, na estação de trem acreditou ser vítima de um encantamento ficando imobilizada diante da janelinha da venda de bilhetes. Possivelmente se tratara só de um ataque de ansiedade ou quiçá de agrofobia, porem, seja o que for, Berthe considerou que van Haecke lhe lançava "influxos malignos" para evitar que rompera com ele. Foi confessar-se com um sacerdote e conseguiu serenar-se.

Huysmans teve conhecimento destas peripécias por outro amigo escritor, justo no momento em que tentava recompilar materiais para escrever uma novela centrada em torno do satanismo contemporâneo e à figura de Gilles de Rais, o braço direito de Joana d'Arc, passando logo à bruxaria e ao satanismo. Foi precisamente, seu grande inimigo, Stanislas de Guaita, quem facilitou a Huysmans a direção de Boullan, depois de haver advertido que encontraria ali as piores iniquidades. Quiçá por isso Huysmans tomou contato com Boullan em princípios de 1890. O próprio Oswald Wirth, infiltrado no grupo de Boullan, advertiu a Huysmans sobre o ambiente que rodeava o heresiarca.

Sem demora, Boullan, manteve sempre uma atitude ambígua com Huysmans; em todo momento se declarou antisatanista e acusou a Guaita e Wirth de entendimento com o Maligno. Fez algo mais, que para um escritor era precioso, lhe entregou o essencial dos arquivos de Vintras sobre o satanismo. Poucos meses depois de haver se iniciado a relação, Boullan havia convencido a Huysmans de que, tanto ele como sua organização, eram puros e inclusive concordou em realizar exorcismos para liberar definitivamente a Berthe Courrière da influência de van Haecke. Tudo isto, unido às informações entregues pelo periodista Jules Bois, amigo íntimo e colaborador de Huysmans, constituíram o material inédito sobre o qual elaborará uma das novelas mais apaixonantes e cativantes da literatura findesecular: "La Bas", "lá embaixo". Todos os implicados no assunto de Berthe, o canônico van Haecke, ou em torno de Boullan, o próprio Huysmans, aparecem como personagens da novela e inclusive os Rosacruz são mencionados respectivamente.

A partir da publicação de "La Bas", Huysmans se sente vítima de "ataques fluídicos" dos Rosacruz e vai a Boullan em busca de ajuda. Este lhe oferece os serviços de la Thibault e lhe entrega proteções mágicas (perfumes e cintas consagradas), incitando-o a rezar as orações redigidas por Vintras e reputadas de servir como proteção. Pouco depois, até 1892, Huysmans se converte ao catolicismo onde permanecerá até a data de sua morte (1907). Vicente Blasco Ibáñez que traduzirá boa parte de sua obra ao Espanhol - entre outros livros, "La Bas"- ressaltava que na hora de sua morte "Huysmans mostrou em sua longa agonia uma serenidade edificante. Ele mesmo escreveu sua carta mortuária e dispôs que o enterrassem com o hábito de beneditino. Huysmans se extinguiu às sete da tarde de um Domingo, em 12 de Maio de 1907. Seus amigos lhe haviam deixado meia hora antes com o cigarro entre os dedos, afetuoso, esforçando-se por manter seu sorriso". E mais adiante: "Apesar de sua juventude libertina, se foi do mundo sem outras experiências amorosas que seus brutais gozos com as peripatéticas do prazer escolhidas ao azar em uma esquina. Todas suas relações foram com fêmeas. Jamais encontrou a uma mulher".

Huysmans andou sempre na corda bamba, sentindo a vertigem da atração pelo vazio do vício (satanismo, magia sexual, erotismo mórbido) e pela virtude (sua busca espiritual foi sincera e o levou à serenidade final), porém para chegar a ela teve que recorrer a um caminho, quanto menos, problemático. E suas derivações foram, assim mesmo, problemáticas: não em vão é no clima de expectativa surgido depois da publicação de "Alem Abaixo" que aparecem os escritos de Leo Taxil, vinculando a maçonaria ao satanismo e que são, em definitivo, filhos bastardos da obra de Huysmans.

### **O DUELO FINAL**

Em 1891 Boullan e Huysmans fazem juntos a peregrinação à La Salette. Por essas datas Huysmans retorna ao seio da Igreja Católica porém segue mantendo relações com Boullan ao sentir-se ameaçado pelos "satanistas" (Guaita e os Rosacruz). Boullan lhe entrega "proteções mágicas" e amuletos consagrados segundo os "Sacrifícios de Gloria" instituídos por Vintras; Huysmans os levou em cima até mais além de sua conversão ao catolicismo. A vidente de Boullan, Julie Thibault, advertiu a Huysmans dos ataques "fluídicos" dirigidos contra ambos.

Em 4 de Janeiro de 1893, Boullan escreveu pela última vez ao novelista, angustiado pelos ataques dos Rosacruz. La Thibault, em sonhos, viu a Guaita realizando manipulações mágicas e conjuros sinistros; ao dia seguinte Boullan se sentiu angustiado na hora da comida. Madame Thibault e outro discípulo de Boullan, assim mesmo vidente, o colocaram em uma poltrona, porém a sensação de sufoco persistia e, pronto Boullan compreendeu que a vida se lhe escapava. "Morreu vítima dos satanistas", estabeleceram seus discípulos. Huysmans acreditou e se refugiou na terra sagrada de um monastério a fim de livrar-se dos "ataques fluídicos" cuja proximidade percebia.

Poucos dias depois a imprensa francesa publica um artigo de Jules Bois no qual denuncia a Guaita, Péladan e Wirth como autores do que qualificava como "assassinato mágico". Guaita, nessa mesma imprensa, se defendeu, negando qualquer responsabilidade. O cruzar de notas acusatórias durou uns quantos dias até que Guaita enviou seus padrinhos a Bois e Huysmans, desafiando-os a um duelo. O segundo se retratou por escrito das acusações lançadas contra Guaita, porém Bois, aceitou o "campo da honra" na Tour de Villebon. Ao amanhecer do dia do duelo, a pouco de tomar Bois sua charrete habitual, um dos cavalos faleceu inesperadamente; colocado outro, antes de aproximar-se do lugar do duelo, os dois cavalos faleceram, tombando a charrete. Bois chegou ao lugar dolorido e coberto de pó. Depois das balas disparadas por cada um que causaram a ambos contendentes feridas leves, a honra foi salva e o duelo interrompido.

A imprensa falaria durante semanas deste estranho episódio no qual cada parte acusava a outra de estar em contato com o diabo. Huysmans e Bois foram enganados por Boullan, o qual lhes ocultou sempre seus ritos sexuais e suas práticas aberrantes. Huysmans, depois de examinar os arquivos de Boullan detidamente terminou convencido de que as acusações dos Rosacruz eram autênticas, porém nunca conseguirá convencer-se nem de que Boullan morrera casualmente, nem de que os ataques fluídicos contra sua pessoa foram pura sugestão, nem muito menos que os três cavalos de Jules Bois, mortos em poucos minutos, foram pura casualidade. E se este era assim quem eram os satanistas?

Depois da morte de Boullan e com os escândalos que sempre haviam acompanhado aos vintrasianos e aos "reparadores", sua seita entrou em crise e somente se manteve em Lyon até a segunda guerra Mundial, quando já as "uniões de vida" e as perversões sexuais do fundador já haviam sido esquecidas. Em quanto aos vintrasianos, apenas sobreviveram a tão amargas experiências. Tem-se tentado localizar a uma setena ativa que segundo Patrick Ravignat seguiria operando no Bairro de Saint Sulpice de Paris, porém infrutiferamente.